

A retórica da pós-verdade

Post-truth rhetoric

Marcella Machado de Campos¹
Maria Cecília Pérez de Souza e Silva²

^{1,2} Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Grupo de Pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho. São Paulo, SP, Brasil.

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista CAPES. Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pesquisadora discente do grupo de pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho.

 <https://orcid.org/0000-0002-7767-4228>

E-mail: mamachadodecampos@gmail.com

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora CNPq. Coordenadora do grupo de pesquisa Atelier Linguagem e Trabalho.

 <https://orcid.org/0000-0003-3089-9320>

E-mail: cecilinh@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é problematizar o “fenômeno da *pós-verdade*”, escolhida como a palavra do ano de 2016 pela Oxford Dictionaries, mais especificamente, seu potencial de se instaurar como *desmemória discursiva* (PAVEAU, 2013a, 2015) como correlato de alienação da verdade na produção de narrativas fantasiosas que repercutem na sociedade democrática contemporânea. Tal qual introduzida por Paveau partindo do conceito de memória discursiva proposto por Courtine, a noção de *desmemória discursiva* se caracteriza pelo desvio de um sentido primeiro cujo efeito favorece, para além do enunciador implicado naquele discurso, dada conjuntura. A partir de duas declarações polêmicas, uma de Donald Trump e outra de Kellyanne Conway, conselheira da Casa Branca, foram analisadas, sob o pano de fundo de uma crise de representatividade política em nível mundial, as manobras enunciativas empreendidas pelos respectivos enunciadores, permitindo depreender que a *desmemória discursiva*, seja por retificação ou ressignificação, opera como um dos recursos argumentativos no bojo da linguagem que assegura à *pós-verdade* o status de novo normal na atualidade.

Palavras-chave: Desmemória discursiva; Pós-verdade; Discurso político.

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss the “*post-truth* phenomenon”, chosen as the Word of the Year 2016 by Oxford Dictionaries, more specifically, its potential to establish itself as *discursive dememory* (PAVEAU, 2013a, 2015) towards the truth alienation in fantastic storytelling that reverberates in the contemporary democratic society. As introduced by Paveau from Courtine’s concept of *discursive memory*, the notion of discursive dememory is characterized by a deviation from the original meaning whose effect favors, in addition to the enunciator of that speech, certain context. Based on two controversial statements, one by Donald Trump and another by White House counselor Kellyanne Conway, we analyzed the enunciative maneuvers undertaken by the relevant enunciators allowing to understand that the *discursive dememory*, whether by amendment or ressignification, acts as one of the argumentative resources amid language that grants to *post-truth* the status of a new normal nowadays in the background of a crisis in political representation.

Keywords: Discursive dememory; Post-truth; Political discourse.



Considerações iniciais

O ano de 2016 testemunhou o resultado inicialmente aventado como pouco provável nas eleições presidenciais dos Estados Unidos: a vitória do candidato republicano Donald Trump pela corrida à Casa Branca. Considerado “líder de sucesso” no ramo corporativo, além de ter atuado como apresentador de programa de TV e transitado pelo meio político, ainda que de maneira informal, Trump teve sua candidatura lançada a despeito de rachas internos em seu partido e de ser tachado *outsider*, corroborando um fenômeno que vem se tornando frequente sob o pano de fundo de uma crise global de representatividade democrática.

O jargão *outsider* (“forasteiro”) se refere a um indivíduo que é político, porém não se alinha ideologicamente a um partido ou o faz de maneira bastante crítica, ou, ainda, a pessoas desprovidas de uma carreira política tradicional que, “pela transferência do capital de popularidade, adquirido em uma outra atividade (...), chegam, cada vez mais, a ocupar posições de poder”¹ (RODRÍGUEZ, 2016, p. 39). Podem ser considerados exemplos de *outsider*, ainda no universo norte-americano, Bernie Sanders, candidato democrata que disputou as primárias com Hillary Clinton nas últimas eleições à presidência e que oferece resistência dentro do próprio partido, e também Hillary Clinton que se autodenominou como tal pelo fato de ser mulher e de concorrer à chefia do Poder Executivo. Zachary Taylor e Dwight D. Eisenhower, ambos militares de carreira, são outros exemplos de presidentes sem vivência política eleitos, respectivamente, em 1848 e 1953².

¹ Tradução nossa.

² No Brasil, citamos como exemplos de *outsiders* políticos que compõem as chamadas “bancada da Bíblia”, em sua maioria pastores e bispos de igrejas evangélicas, e “bancada da bala”, na qual predominam figuras das Forças Armadas e da Polícia Militar, além de figuras da mídia e do esporte.

A dimensão *outsider* da candidatura de Trump que fora, a princípio, razão para crítica sobretudo de seus correligionários que visavam à indicação de outros nomes para concorrer à presidência do país, lhe serviu de chancela para a campanha ao se mostrar capaz de ressignificar a pecha. Quando interpelado sobre sua falta de experiência em administração pública, Trump repetira em algumas ocasiões: “não sou político, ainda bem”³ ou “não sou político, meu único interesse específico são os norte-americanos”⁴, assemelhando-se ao “poder de um mundo invertido” de que trata Debord (1997) ao ressaltar a dominação de uma classe ideológico-totalitária: “quanto mais forte ela é, mais afirma que não existe, e sua força serve-lhe em primeiro lugar para afirmar sua inexistência” (p. 72)⁵.

O que Trump parece ter perdido de vista é que a própria liderança que exercia em seus negócios é portadora de sentidos que não estão restritos apenas ao âmbito corporativo, dado que a liderança, ela mesma, “se concebe sobretudo como uma relação política cujo objetivo é promover uma decisão determinada em um contexto e um momento específicos”⁶ (DONOT; RODRÍGUEZ; SERRANO; 2016, p. 13).

Além do caráter *outsider*, outro elemento relevante de sua campanha e, agora, gestão é sua presença constante nas redes sociais, de modo a encurtar a distância entre líder-seguidores que caracteriza as mediações tradicionais, parecendo se tratar, pois, de “um tipo de autoridade política fundada a partir do poder de ruptura e de criação da liderança e de sua inscrição para

³ Tradução nossa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JyRCzxUACrg>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

⁴ Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.financialexpress.com/world-news/im-not-a-politician-my-only-special-interest-is-americans-donald-trump-2/436678/>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

⁵ O contexto político brasileiro, o prefeito de São Paulo, João Doria, cuja trajetória é bastante semelhante à de Trump, repisou inúmeras vezes durante sua campanha: “sou gestor, não sou político”. Um dos exemplos de sua fala está disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2016/10/01/doria-o-gestor-que-quer-ser-prefeito-mas-diz-que-nao-quer-ser-politico/>>. Acesso em: 28 mar. 2017

⁶ Tradução nossa.

além da normalidade política”⁷ (DONOT; RODRÍGUEZ; SERRANO; 2016, p. 10, 11). Contudo, se a retórica de Trump foi construída em grande parte visando às redes sociais com base em uma profusão de falas inflamadas acerca, por exemplo, da ameaça à segurança nacional personificada por refugiados de origem árabe e imigrantes latino-americanos, e do perigo à espreita que se avizinharia na fronteira ao sul dos Estados Unidos, faltaram dados passíveis de apuração para atestar tais afirmações.

É por isso que se tem discutido, desde sua eleição, que a veiculação de asserções infundadas como arma de propaganda política foi de extrema importância para seu até então subestimado êxito eleitoral. A repercussão da vitória do republicano, cuja campanha fora pautada por informações falaciosas, teve, entre outros desdobramentos, a escolha de pós-verdade (*post-truth*) como palavra do ano⁸ de 2016 pela Oxford Dictionaries, que anualmente “seleciona uma palavra ou expressão que tenha atraído bastante interesse durante o ano em questão”⁹. Segundo a publicação britânica, o termo, classificado morfologicamente como um adjetivo, se refere a “circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”¹⁰.

A própria Oxford fez circular trechos de artigo do jornal *Independent*, segundo o qual, depois das eleições americanas, o mundo passou a viver na sociedade da pós-verdade: “A verdade desvalorizou-se tanto que passou de ideal do debate político a uma moeda sem valor”. Também o

⁷ Tradução nossa.

⁸ No bojo da Linguística Aplicada em que nos situamos, chamamos atenção para a importância da dicionarização de palavras como registro histórico do funcionamento da língua que se verifica materialmente na circulação dos discursos produzidos e ressignificados pelos coenunciadores implicados em dada prática linguageira.

⁹ Tradução nossa. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

¹⁰ Tradução nossa. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

The Economist publicou matéria cujo título, *A arte da mentira*, apresenta Trump como o principal expoente da política da pós-verdade, baseada em frases que “passam a sensação de serem verdadeiras”, embora não tenham base real¹¹.

Esse evento e seus desdobramentos nos remetem à obra de Marie-Anne Paveau (2015), que relaciona linguagem e moral, discutindo temas como a inadequação de palavras, a mentira e o debate levado a cabo com má-fé ou agressividade. O desejo de integrar o parâmetro ético na linguística decorre, segundo as palavras da autora, de três fatores: interrogações sobre a validade dos discursos científicos, reflexões acerca da ética da fala, provenientes de trabalhos sobre as normas linguageiras, especialmente as formuladas pelos chamados “linguistas leigos” e, finalmente, a questão da memória e da *desmemória discursiva*.

No presente artigo, nos propomos a problematizar o “fenômeno da *pós-verdade*”, mais especificamente, seu potencial de se instaurar como *desmemória discursiva* (PAVEAU, 2013a, 2015) como correlato de alienação da verdade na produção de narrativas fantasiosas que repercutem na sociedade democrática contemporânea.

Selecionamos dois enunciados, um de Trump e outro de Kellyanne Conway, conselheira da Casa Branca, para avançar algumas reflexões sobre o assunto. O primeiro deles, uma declaração do então candidato republicano, recupera controvérsia atribuída a Hillary Clinton sobre a nacionalidade de Obama; o segundo, um comentário de Conway, contesta as informações divulgadas na mídia sobre o número de pessoas presentes nas cerimônias de posse de Obama e Trump, respectivamente.

¹¹ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html>. Acesso em: 18 nov. 2016.

Verdade ou consequência?

A tradição da mentira presidencial nos Estados Unidos nos remete também à Paveau (2015), que relembra dois episódios que entraram para a história. O primeiro deles, o escândalo de Watergate, se tornou um paradigma de corrupção e resultou na renúncia, em 1974, do presidente republicano Richard Nixon. Mesmo após comprovação de seu envolvimento na instalação de escutas telefônicas na sede do Comitê Nacional Democrata, o presidente declarou em entrevista televisiva que “não era criminoso”¹². O segundo caso é o de Bill Clinton, ex-presidente democrata, que, acusado de envolvimento com uma ex-estagiária da Casa Branca, declarou sob juramento em depoimento à Corte em 1998: “nunca tive relações sexuais com Monica Lewinsky. Nunca tive relações com ela” (PAVEAU, 2015, p. 185).

A práxis da mentira na administração pública nos remete aos dois excertos há pouco mencionados a fim de observar como o conceito de *desmemória* opera como manobra de enunciação na contramão da realidade.

Falar em *desmemória* implica recuperar a noção de memória discursiva, corrente na Análise do discurso de tradição francesa. Iniciada por Courtine¹³ em 2006 como instância que irrompe na atualidade do acontecimento “de forma a colocar em jogo a articulação dessa disciplina [Análise do Discurso] com as formas contemporâneas da pesquisa histórica (...)” (COURTINE, 2009, p. 105). A memória discursiva “diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (2009, p. 105, 106), operando como “cristalização do tempo

histórico no qual se forma a discursividade” (2009, p. 240). Nas palavras de Paveau:

Fala-se de memória discursiva quando os discursos se inserem, por meio de marcas detectáveis, nos campos associados de memória, ou seja, desenvolvem elos memoriais de reformulação, repetição, ou, ao contrário, de esquecimento e negação, em relação a “formulações-origem” (...) detectáveis, mas não presentes explicitamente, nas produções verbais (PAVEAU, 2015, p. 233).

A definição de memória discursiva articulada à noção de domínio da memória é fundamental na obra da autora, que integra em suas reflexões, como ela própria o diz, não só o princípio da memória (inter)discursiva, formulada por Sophie Moirand em seus trabalhos sobre o discurso midiático, mas também a análise do discurso sob a perspectiva da história em torno de J. Guilhaumou e, ainda, a etimologia social em torno de M. Tournier¹⁴.

Na esteira desses autores, Paveau, em *Os pré-discursos – sentido, memória, cognição* (2013a), propõe uma versão cognitiva da memória recorrendo aos recursos da corrente sociocultural das Ciências Cognitivas¹⁵, mais especificamente, à noção de cognição distribuída, que leva em conta a construção e transmissão das informações via saberes individuais e socioculturais e também daqueles inscritos em ferramentas cognitivas, isto é, em artefatos, por exemplo, em um bloco de notas ou um tablet. Tal noção foi definida pela autora em uma perspectiva mais ampla, retomada no artigo *Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado*, publicado no Brasil em 2013:

¹²Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,especial-para-entender-o-escandalo-watergate,887260>>. Acesso em: 28 mar 2017.

¹³Quase na mesma época, Berrendonner propôs, em outra perspectiva, o conceito de “memória discursiva” como “aquilo que assegura (...) a coerência do discurso, isto é, sua interpretabilidade pelo receptor” (PAVEAU, 2013b, p. 139).

¹⁴No capítulo 3, *A memória do discurso*, Paveau (2013a) comenta as pesquisas desenvolvidas por Moirand, Guilhaumou e Tournier; pesquisas essas que, embora em estreita relação com uma análise memorial do discurso, não a recobrem.

¹⁵Corrente desenvolvida, segundo Paveau (2013a), no contexto anglo-saxão, alimentada pela Etnometodologia, pela Ergonomia e pela Psicologia Social.

(...) como um processo de transmissão sincrônica e diacrônica de enquadres pré-discursivos, coletivos, estes últimos (conhecimentos enciclopédicos, crenças, emoções, percepções) sendo distribuídos de maneira colaborativa entre os agentes humanos e não-humanos graças aos organizadores psíquicos internos, mas igualmente externos (ferramentas discursivas, como a lista, o dicionários, o quadro, o diário, o guia de conversação, ou mais amplamente semiótico como as cores, os símbolos, as vestimentas etc.) (PAVEAU, 2013b, p. 149).

Os pré-discursos são concebidos como operadores na negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais; como um conjunto de enquadres pré-discursivos coletivos, que tem um papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido em discurso.

São enquadres de saber, de crenças e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo do termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (PAVEAU, 2013b, p. 149).

Ancorada em sua proposta da versão cognitiva da memória (inter) discursiva e partindo do pressuposto de que “a memória não é somente conservação e transmissão; ela é também modificação, falsificação e disparição” (2013a, p. 119) e da visão de Robin sobre as transformações semióticas ocorridas após a queda do muro em Berlim, a autora define *desmemória* como fenômenos de “rupturas no canal memorial por mudanças de sentido e/ou de situações discursivas” (2013a, p. 121).

Os critérios de identificação de uma manobra enunciativa que poderia ser configurada como *desmemória discursiva* já apontavam, à época de *Os pré-discursos – sentido, cognição, memória*, para uma deriva de sentidos “em que a existência é sobretudo de tipo metadiscursiva” (2013a, p. 121), ou seja, o enunciador que lança mão do conceito de *desmemória* sinaliza, através do seu discurso, que o uso de determinada palavra desrespeita a

memória de sua atribuição primeira. A *desmemória discursiva* é entendida, então, como “um conjunto de fenômenos de desligamento das lembranças e inserções dos nomes no fio memorial do discurso” (2013b, p. 156).

Em *Linguagem e Moral* (2015), Paveau amplia a perspectiva de *desmemória*, retomando mais uma vez a concepção de passados frágeis (Robin) e baseando-se, ainda, na proposta de expurgo simbólico (Gonac’h), esclarece que a noção compreende “um conjunto de fenômenos de discurso que possibilitam a revisão das linhagens discursivas, ou seja, das transmissões semânticas cultura e socialmente realizadas pelos instrumentos da tecnologia discursiva” (2015, p. 237). Tais revisões seriam mudanças semânticas, neologismos, redenominações ou reformulações que, na linguagem, produziram efeitos de sentido “transgressivos” ou “contraintuitivos” em contextos sócio-históricos pautados por um mesmo acordo semântico e ético. A autora também propõe a dimensão de *amémoria discursiva*, ou melhor, o esquecimento voluntário de um passado cuja lembrança seria insuportável, uma astúcia argumentativa de “denegação do discurso sobre um acontecimento, das palavras que dariam nome ao acontecimento e, por conseguinte, o fariam existir ou reexistir” (2015, p. 237).

Aqui, nos atemos tão somente à ótica da *desmemória discursiva* e nosso interesse está em apreender o modo pelo qual tentativas de mascaramento ou mesmo apagamento de fatos da realidade concreta instauram um novo sítio discursivo tornado *desmemoriado*¹⁶. Nos excertos selecionados das próximas seções, buscamos mostrar como a revisão de informações e de dados factuais por meio de reformulações particulares do processo de *desmemória* constrói uma cenografia na qual a pós-verdade se instala como *status quo*.

¹⁶ Discutir o caráter deontológico daquilo que é conceituado como verdade não faz parte, portanto, do escopo deste trabalho.

Quem conta um conto aumenta um ponto

Em 16 de setembro de 2016, o Trump International Hotel and Tower, em Nova York, um dos empreendimentos do então candidato republicano, serviu de palco para a seguinte declaração de Trump:

Hillary Clinton e sua campanha de 2008 deram início à controvérsia sobre a nacionalidade de Obama. Vou encerrá-la, sabem o que quero dizer. O presidente Barack Obama nasceu nos Estados Unidos. Ponto final. Agora todos nós queremos voltar a tornar a América forte e grandiosa novamente. Obrigado, muito obrigado¹⁷.

Sabe-se que durante a campanha de Obama à Casa Branca em 2008, Trump questionara publicamente a origem do democrata, sugerindo que ele havia nascido no Quênia, como seu pai, e não nos Estados Unidos, não sendo legítima, pois, sua candidatura segundo a legislação eleitoral daquele país. Trump especulou, inclusive, que Obama seria muçulmano. Especulação que reativa os atentados de 11 de setembro de 2001, após os quais reforçou-se, na memória discursiva dos Estados Unidos, a ameaça em potencial representada pela presença, em solo norte-americano, de pessoas nascidas em países árabes e de religião muçulmana, em relação direta estabelecida com a nacionalidade e o credo dos responsáveis pelos ataques terroristas. Portanto, um homem negro com visões liberais, filho de pai africano e em cujo nome completo, Barack Hussein Obama, há a coincidência com o sobrenome do ditador iraquiano Saddam, outrora inimigo público número um daquele país, não parecia ser talhado para concorrer ao cargo de presidente.

O questionamento quanto ao local de origem de Obama ganhou tamanha repercussão que fez surgir a onda “birtherism”, teoria conspiratória em

referência à crença dos “birthers”, termo composto pelo substantivo “birth” (nascimento) mais sufixo “er” (cuja função em inglês é qualificar um indivíduo ou objeto que desempenha determinada ação) cunhado para designar “uma pessoa que duvida ou nega que o presidente Barack Obama seja cidadão norte-americano e, portanto, seria inelegível para a presidência dos Estados Unidos¹⁸. Os partidários da ideia foram tantos que a polêmica perdurou ao longo de mais três anos e obrigou Obama, pressionado pelo rumor fomentado por integrantes do Partido Republicano, a apresentar publicamente em 2011 sua certidão de nascimento¹⁹ comprovando que, sim, é cidadão norte-americano, natural do estado do Havaí, logo, elegível para o desempenho de sua função executiva.

Quando Trump volta à questão em 2016, já como candidato oficializado, para “encerrar o assunto”, podemos depreender alguns efeitos de sentido produzidos pela sua declaração, condensados sob a forma de *desmemória discursiva*. Ao mencionar, no começo de sua fala, que “Hillary Clinton e sua campanha de 2008 deram início à controvérsia sobre a nacionalidade de Obama”, Trump opera uma revisão dos fatos reconstruindo parte da memória discursiva. Portanto, é modificando o sentido da história pela retrospectiva, ao culpabilizar sua adversária, que Trump se exime de sua responsabilidade, corroborando a afirmação de Bauman (2014) segundo a qual aquilo de que precisamos em nossa era de mudanças contínuas “é uma doce mentira para nós mesmos, agradáveis atos de autoengano sobre um passado brilhante que se encaixe num modelo teórico e histórico purificado” (p. 153). Ainda que eleitores democratas mais afeitos à candidatura de Hillary Clinton em

¹⁷ Tradução nossa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D3zAYAl2at8>>. Acesso em: 5 abr 2017.

¹⁸ Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/buzzword/entries/birther.html>>. Acesso em: 5 abr 2017.

¹⁹ Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2011/POLITICS/04/27/obama.birth.certificate/>>. Acesso em: 5 abr 2017.

detrimento à de Obama, em 2008, também tenham conjecturado sobre a origem do presidente, Trump e os republicanos foram, sem dúvida, os principais fomentadores da querela²⁰.

Outro efeito de sentido alcançado com o excerto “O presidente Barack Obama nasceu nos Estados Unidos. Ponto final” é reforçado pela aparente disposição de Trump para acabar com a controvérsia em “Vou encerrá-la, sabem o que quero dizer”. No enunciado em tela, Trump pressupõe a compreensão dos coenunciadores a quem se dirige que, por estarem inseridos em um mesmo universo do discurso, partilham de uma mesma memória discursiva. Mais do que isso, esta cumplicidade que o enunciador Trump constrói junto a seus coenunciadores, denotada pelo trecho “sabem o que quero dizer”, confere prestígio à sua versão *desmemoriada* dos acontecimentos por se ver desobrigado de apresentar qualquer explicação detalhada acerca da polêmica, fazendo apenas uma alusão ao que teria ocorrido.

A última passagem da declaração, “Agora todos nós queremos voltar a tornar a América forte e grandiosa novamente”, visa a neutralizar a magnitude da discussão, visa a criar “uma narrativa político-histórica para justificar nossas ações políticas e nossas escolhas morais do presente” (BAUMAN, 2014, p. 153). O dêitico “agora” esvazia de sentido a relevância da contenda naquele momento da campanha e aponta para um tema mais premente que remete ao *slogan* de sua candidatura, *Make America great again*, que representa, para Trump, a ordem do dia, portando de insignificância a nacionalidade de Obama, questão alegadamente superada pelo republicano no plano do discurso. O caráter de unicidade em “todos nós” dá a entender que fazer da América grandiosa outra vez seria uma causa comum, indivisível ao menos para o Partido Republicano, como se

²⁰ Disponível em: <<http://www.politico.com/story/2016/09/birther-movement-founder-trump-clinton-228304>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

Trump, representando quem comunga deste mesmo ideal, fizesse uma concessão e se colocasse acima desse boato em nome de um bem maior.

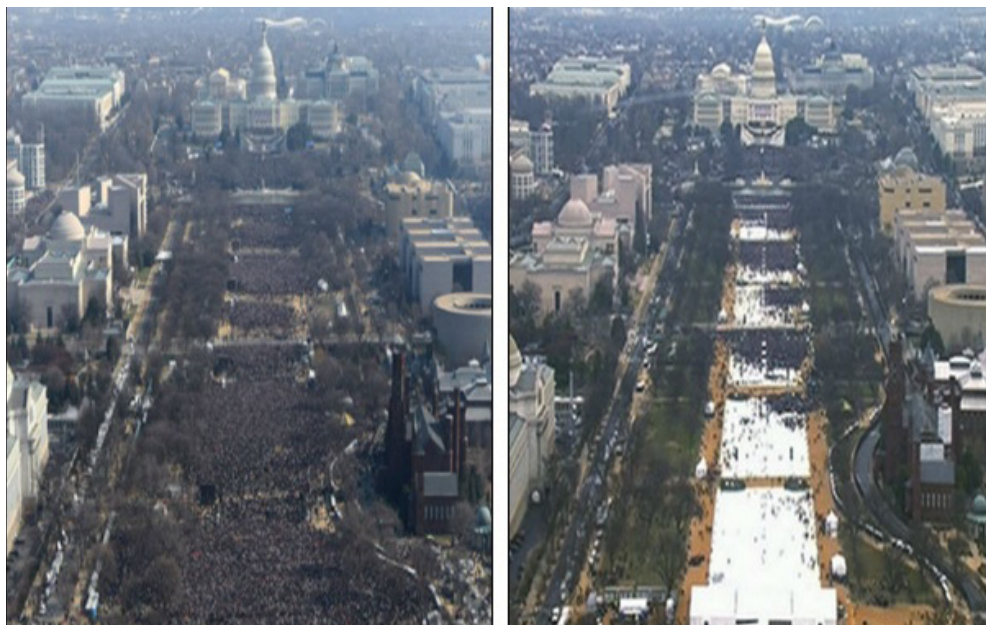
Trump se vale, assim, de artifícios languageiros que pretendem transformar sua imagem em relação direta com a dimensão de pós-verdade, em que “apelos à emoção e a crenças pessoais” valem mais do que a realidade factual no esforço de manipular a opinião pública. A noção de *desmemória discursiva* se verifica, desta feita, como estratégia enunciativa através da retificação, por parte do enunciador, do seu próprio posicionamento como sujeito do discurso implicado na história: do empresário incitador de 2008 ao presidenciável interessado em questões maiores e mais urgentes de 2016, quando trata essa contenda como irrelevante e responsabiliza outrem, Hillary Clinton e seus correligionários, por aventar a hipótese de Obama ser estrangeiro.

Contra fatos não há argumentos

A queda de braço entre Trump e a mídia, que ganhara força desde o final da campanha eleitoral, se intensificou logo após a chegada do candidato ao poder. À exceção da rede Fox News, considerada conservadora, os demais veículos de comunicação de massa manifestaram, em maior ou menor medida, e de forma mais ou menos explícita, contrariedade com a vitória do republicano. As fotos²¹ das cerimônias de posse de Obama, em 2009, e de Trump, ocorrida em 20 de janeiro de 2017, abaixo, circularam amplamente na imprensa e servem como ponto de partida para discutirmos mais um exemplo de *desmemória discursiva*.

²¹ Créditos das fotos: Associated Press. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1852216-noticias-de-publico-na-posse-oferecem-fatos-alternativos-diz-time-de-trump.shtml>>. Acesso em: 25 abr 2017.

Figura 1 – Fotos das cerimônias de posse de Obama, em 2009, e de Trump, ocorrida em 20 de janeiro de 2017



As imagens mostram o público nas cerimônias de posse de Obama, em 2009, à esquerda, e de Trump, em 2017, à direita.

O registro das tomadas aéreas do National Mall com o Capitólio ao fundo foi feito em horários semelhantes nas respectivas cerimônias e a diferença de aglomeração foi noticiada como um termômetro materialmente visível da popularidade de um e de outro presidente. Contrariando a máxima que diz que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, o porta-voz da Casa Branca, Sean Spicer, afirmou em seu primeiro pronunciamento oficial:

“Este foi o maior público a assistir a uma posse, ponto final, tanto presencialmente quanto no mundo todo”²².

²² Tradução nossa. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/video/2017/jan/21/donald-trump-inauguration-crowd-size-media>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

A declaração de Spicer, que ainda foi categórico ao falar que “essas tentativas de diminuir o entusiasmo com a posse são vergonhosas e erradas”²³, repercutiu mal junto à mídia²⁴, colocando em xeque a credibilidade de um governo recém-empossado perante dados factuais – as autoridades de trânsito, inclusive, divulgaram números que atestam uma circulação maior de pessoas (cerca de 200 mil viagens de metrô a mais) nas imediações do Capitólio quando da posse de Obama²⁵.

Ao ser interpelada pelo âncora Todd Chuck em entrevista à rede de televisão NBC News sobre o motivo de Spicer ter declarado, sob orientação direta de Trump, que a posse do republicano foi a maior da história em termos quantitativos quando imagens e algarismos mostram o contrário, Kellyanne Conway, conselheira da Casa Branca, foi taxativa ao responder:

“Você está dizendo que é falácia e Sean Spicer apresentou fatos alternativos para isso”²⁶.

Com essa assertiva, Conway parece pretender disputar a verdade dos números, que a imprensa difundira como absoluta e irrefutável, e subjugou o preceito de que “a memória autoriza o sentido, permitindo as produções-interpretações, as circulações e as transmissões discursivas”

²³ Idem nota 24.

²⁴ O escritor e ator Duvivier, também um dos responsáveis pelo portal de humor Porta dos Fundos, comenta jocosamente, na edição de 6 de março de 2017 de sua coluna na Folha de S. Paulo, a queda de braço que se estabeleceu entre Trump e os veículos de mídia norte-americanos a partir do advento da pós-verdade: “a imprensa explica que Trump ganhou por causa da pós-verdade (...). Trump, estranhamente, também credita à pós-verdade a enxurrada de críticas que recebe”. Inclusive, a afirmação de Duvivier que a “pós-verdade dá a impressão de que a política já foi o lugar da verdade” corresponde em grande medida à realidade, uma vez que são inúmeros os casos de verdades fabricadas na arena política. A íntegra da coluna está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriouduvivier/2017/03/1863902-acho-que-estamos-vivendo-a-era-da-pos-mentira.shtml>>. Acesso em: 27 mar 2017.

²⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1852216-noticias-de-publico-na-posse-oferecem-fatos-alternativos-diz-time-de-trump.shtml>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

²⁶ Tradução nossa. Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/meet-the-press/video/conway-press-secretary-gave-alternative-facts-860142147643>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

(PAVEAU, 2013a, p. 152), ao tergiversar sobre o assunto e reformular seu sentido, aludindo a uma segunda versão (a de Spicer) da realidade a que chama de “fatos alternativos”. Esse processo de recapitulação de um acontecimento discursivo para sua posterior reinterpretação por meio de uma manobra de enunciação “contraintuitiva” (PAVEAU, 2015, p. 237) – haja vista o registro axiomático das posses –, ao tratar por “fatos alternativos” o que a mídia veiculara como “falácia”, é característico do fenômeno discursivo da *desmemória*.

Observamos, por parte de Conway, “a rejeição da livre discussão e sua asfixia antes mesmo de ela começar” (BAUMAN, 2014, p. 51), seguida da rápida investida de ressignificação da declaração do porta-voz do governo norte-americano, considerando que tal enunciado, proferido com poucos dias de antecedência, ainda não estava de todo assentado na memória dos discursos:

“Este foi o maior público a assistir a uma posse, ponto final, tanto presencialmente quanto no mundo todo”.

A trama convincente que Conway tenciona forjar remonta à definição de pós-verdade por apelar a crenças pessoais, no caso, as do governo encarnado por Trump através de seu porta-voz, e por desprezar as circunstâncias concretas. Interpretando a realidade à sua maneira, ao atribuir outro sentido a fatos objetivos e tratá-los como “fatos alternativos” em contraofensiva declarada às afirmações de falácia por parte da mídia, Conway empreende, portanto, um processo de *desmemória discursiva* por ressignificação.

Considerações finais

O impacto do advento da pós-verdade como estratégia político-midiática na atualidade tem sido expressivo a ponto de fazer com que, no

mundo todo, grandes veículos²⁷ de imprensa, plataformas de conteúdo *on-line* e redes sociais estejam adotando medidas de verificação da veracidade das informações que circulam em seus canais e assumindo compromissos públicos de transparência e honestidade em suas práticas comunicacionais.

As falas aqui analisadas apontam para a concepção de política como “um conjunto de práticas gerenciais e manipulações habilidosas da opinião pública” (BAUMAN, 2014, p. 39), através, entre outros mecanismos, da “politização da história” e da tentativa de controle dos sentidos de uma verdade que convém a determinado estatuto de autoridade denotada, em especial, pela expressão “ponto final” nas falas de Trump e Spicer, respectivamente:

“O presidente Barack Obama nasceu nos Estados Unidos. Ponto final.”
“Este foi o maior público a assistir a uma posse, ponto final (...)”.

O sintagma “ponto final” funciona como um artifício enunciativo de contenção daquilo que, condição precípua da Análise do Discurso de vertente francesa, escapa ao enunciador, a saber, o próprio sentido que se pretende alcançar cujo efeito é produzido tão somente a partir da interação entre os coenunciadores, jamais tendo sido dado de antemão. Então, se a pós-verdade, como o novo normal, faz com que a relativização da importância de fatos objetivos, incluídos aí os materiais e imagéticos, seja lugar comum no bojo das atividades languageiras, o recurso enunciativo da *desmemória discursiva* se constitui como ferramenta de uso corrente.

²⁷ A título de exemplo, a Folha de S. Paulo atualizou seu compromisso editorial, disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/projeto-editorial-da-folha/projeto-editorial-2017/?cmpid=newsfolha>>, e o Facebook anunciou a incorporação de mecanismos visando a coibir a propagação indistinta de notícias falsas através dos perfis integrados à rede social, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/01/1850094-facebook-anuncia-novas-medidas-contra-noticias-falsas.shtml>>. Ambos os conteúdos foram acessados em 01 jun. 2017.

Por fim, como função argumentativa e fator de ajuste à realidade de um contexto sócio-histórico em constante transformação e em consonância com os interesses dos coenunciadores implicados no jogo da enunciação, a *desmemória discursiva* subverte a lógica dos acontecimentos, seja por retificação ou ressignificação, corroborando o preceito de que “a verdade é aquilo que funciona” (PAVEAU, 2015, p. 297).

Referências

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EduFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu; Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONOT, Morgan; RODRÍGUEZ, Darío; SERRANO, Yeny. Introduction. À propôs des notions de leader et le leadership. In: *Leaders et leaderships dans les démocraties contemporaines*. Orgs. Donot, Morgan; Rodríguez, Darío; Serrano, Yeny. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2016.

PAVEAU, Marie-Anne. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. *Os pré-discursos – sentido, memória, cognição*. Campinas-SP: Pontes, 2013a.

PAVEAU, Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 5, p. 137-161, dez. 2013b.

“Post-truth”. *Oxford Dictionaries*. Oxford: Oxford University Press, 2016. <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

RODRÍGUEZ, Darío. Le lien charismatique dans des démocraties (re)personnalisées. Défis conceptuels et méthodologiques. In: *Leaders et leaderships dans les démocraties contemporaines*. Orgs. Donot, Morgan; Rodríguez, Darío; Serrano, Yeny. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2016.

Recebido em 05/01/2018.

Aceito em 21/03/2018.